

## ESPERANÇA CRISTÃ EM TEMPOS SOMBRIOS<sup>1</sup>

George Augustin, SAC

### 1 Saudação e introdução

Eu saúdo a todos mui cordialmente do sul da Alemanha, mais precisamente de Stuttgart. Como vocês sabem, nós não podemos lamentavelmente nos encontrar hoje pessoalmente porque as condições da pandemia não nos permitem. Eu gostaria demais visitar uma vez vosso belo país, o Brasil, e me encontrar pessoalmente com vocês para lhes falar. Apesar disso, eu sou muito grato porque nós hoje, ao menos, podemos estar unidos de modo digital para refletir sobre um tema existencial, cujo conteúdo nós em cada celebração dominical solenemente professamos: “Eu creio na ressurreição da carne e na vida eterna”<sup>2</sup>. “Eu espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir”<sup>3</sup>. Esta é a nossa esperança como cristãos, não apenas em tempos sombrios, mas em todos os tempos.

Essa profissão de fé da cristandade é questionada de várias maneiras no tempo atual. Mesmo que a maioria dos cristãos professa sua fé desse modo, eles relacionam com essa profissão de fé uma grande insegurança. Das diferentes pesquisas e dos diálogos pessoais nós podemos deduzir que hoje muitas pessoas não confiam no anúncio cristão da ressurreição dos mortos e da vida eterna na realização celeste.

É inicialmente indiscutível que o ser humano é um ser de esperança que se transcende a si mesmo. No entanto, a muito difundida maneira secularizada de pensar dos tempos modernos limita geralmente a realização do que se espera para a dimensão puramente imanente. A vida é limitada ao “daqui” e a esperança no “além” se esvazia mais e mais. A partir do pano de fundo do progresso técnico parece que no centro do ser humano está o “realizável” ficando a totalidade do ser humano fora do foco. A muito difundida sensibilidade de vida das pessoas da modernidade foi classicamente formulada com certa ironia por Ernst Bloch: “O mundo não tem um além”<sup>4</sup>. Segundo essa

---

<sup>1</sup> Palestra proferida (online) dia 16/08/2021 na Semana Acadêmica de Filosofia e Teologia realizada na Faculdade Palotina de 16-20/08/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qttMDBiZCTM>

<sup>2</sup> Credo Apostólico, em: DH 30.

<sup>3</sup> Credo Niceno-constantinopolitano, em: DH 150.

<sup>4</sup> Ernst BOCH, *Prinzip Hoffnung*, Frankfurt / Main 1959, 1303.

afirmação, a finalidade da vida humana é garantir para todos uma *vida terrena* longa e cheia de sentido.

A experiência, no entanto, mostra que as esperanças intramundanas e as promessas de felicidade permanecem geralmente irrealizadas. A esperança de salvação e realização não pode ser reduzida a realizações de felicidade nesse mundo. Quem verdadeiramente espera sabe que ele é alguém que confia em algo que ele mesmo não tem condições para se conceder. A Bíblia nos lembra de muitos modos a finitude da vida e as felicidades terrenas. Isto aparece bem destacado, como exemplo, na narração do homem autosuficiente e rico quando diz para si mesmo: *Então direi à minha alma: 'Minha alma, tu tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te'. Mas, Deus lhe diz: 'Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma'* (Lc 12,19-20).

A fragilidade das seguranças terrenas e as concepções de felicidade saltam aos olhos especialmente em tempos de crise. Tais tempos oferecem a possibilidade para refletir novamente sobre as questões existenciais do ser humano e acessar de novo a mensagem da fé cristã na perspectiva da esperança. Os tremores existenciais presentes, ocasionados pela pandemia do coronavírus, pedem exatamente uma resposta da esperança a partir da fé. É necessário perguntar: Como pode a esperança cristã na vida eterna se tornar uma fonte de força e motivação na condução da nossa vida finita e mortal?<sup>5</sup>

## **2 A crise do coronavírus como tremor existencial**

No mês de janeiro de 2020 o presidente chinês Xi Jinping informou à publicidade do mundo sobre a irrupção do coronavírus e esclareceu que o vírus perigoso se espalha de pessoa para pessoa. A covid 19, a continuada pandemia do coronavírus, causado pelo vírus SARS-CoV-2 e suas mutações, colocaram desde então o mundo em medo e terror. O coronavírus se movimenta em toda a parte sobre todo o globo terrestre. Mesmo se nós vencermos o vírus permanece o medo de que outro vírus possa nos desafiar e nos confrontar mais uma vez com um novo perigo biológico.

O coronavírus modificou fundamentalmente a nossa vida. Essa crise significa um desafio humano e espiritual até agora desconhecido e sem exemplos para a medicina e economia que caracterizará basicamente os próximos anos. Mesmo que nós hoje ainda não possamos ver toda a sua extensão e o fim da crise, nós sabemos que ela permanecerá *um* desafio enorme

---

<sup>5</sup> Durante a pandemia a Igreja e a Teologia foram criticadas porque elas durante a situação existencial da crise não deram nenhuma resposta a partir da fé, por isso, elas se tornaram aparentemente sistemas irrelevantes. No entanto, houve algumas tentativas cuidadosas de resposta: Magnus STRIET, *Theologie im Zeichen der Corona-Pandemie. Ein Essay*, Ostfildern 2021; Walter KASPER – George AUGUSTIN (Orgs.), *Christsein und die Corona-Krise. Das Leben bezeugen in einer sterblichen Welt*, Stuttgart 2020.

e fundamental para a humanidade: nem tanto a pandemia com suas diversas consequências, mas o medo existencial e a insegurança que se tornaram evidentes nessa crise. Muitas pessoas nesse tempo tomaram repentinamente consciência da sua vulnerabilidade e dos seus ferimentos, muitas seguranças tranquilas foram destruídas e o estilo de vida até agora normal foi basicamente questionado. Também os temas da morte e doença, da periculosidade da vida e saúde foram repentinamente colocados diante dos nossos olhos. A confrontação com o limite e a fragilidade da própria vida provocou medo diante do futuro. Diante dos nossos olhos há a ameaça do sistema que determinou basicamente nosso modo moderno de vida e que repentinamente sucumbiu. Assim a crise do coronavírus se tornou um motivo sério para novamente tematizar a vida humana nas suas relações multidimensionais a partir da perspectiva da fé cristã.

A partir desse pano de fundo surgem algumas questões básicas: Podem as experiências atuais nos conscientizar novamente a respeito das dimensões suprimidas e esquecidas da vida humana? Aqui se trata, *de um lado*, de novamente compreender e assumir a vida como um dom e presente. *De outro*, a contingência da vida humana, que especialmente hoje nos conscientiza mais uma vez, nos convida novamente a refletir sobre o fato da nossa finitude e mortalidade através da pergunta: a partir do pano de fundo da limitação humana, como se deve responsabilmente tratar do sofrimento, do morrer e da morte? Por fim, nós estamos diante da questão existencial: Como deve ser compreendida a realidade da morte? E a partir daí nós deveríamos questionar nossos costumes tão normais e talvez mudar nosso estilo de vida.

### 3 Vida e morte na perspectiva cristã

#### 3.1 Compreender a vida

A questão da vida e a iluminação da condição humana com todo o seu brilho e com toda a sua miséria permanecem atuais<sup>6</sup>. Nós podemos nos aproximar do mistério da vida a partir de perspectivas diferentes. Partindo da nossa experiência nós inicialmente sabemos que o arco de nossa vida terrena e biológica é limitado. Nisso tudo nós não podemos perder de vista o início e o fim da vida terrena, a morte. A partir dessa experiência é necessário perguntar a respeito da fonte e da finalidade da vida. Deus é segundo a compreensão cristã a origem da vida porque ele é o fundamento no qual *nós vivemos, nos movemos e somos* (At 17,24-28).

---

<sup>6</sup> Mais detalhes, George AUGUSTIN, *Das Leben bezeugen in einer sterblichen Welt*, em: KASPER-AUGUSTIN (Orgs.), *Christsein und die Corona-Krise* (veja a nota 4), 55-77.

A partir da perspectiva cristã, o mistério da vida humana no mundo apenas pode ser adequadamente interpretado a partir de Deus. A fé cristã compreende o ser humano como criatura radicalmente dependente de Deus. O ser humano é totalmente um receptor no seu ser e agir. Ele então apenas está totalmente consigo mesmo quando ele se ultrapassa a si mesmo. Essa compreensão o conduz à consciência de que ele é um ser a partir da graça de Deus e que ele deve reconhecer como pessoa seus limites.

A necessidade de reconhecer os limites já foi tematizada no relato da criação. Adão deve reconhecer seus limites. A transgressão significa separação direta de Deus, distanciamento da sua presença e enfraquecimento da sua relação com ele. Esse reconhecimento o salmista tematiza assim: *Ensina-nos a contar nossos dias, para que tenhamos coração sábio* (Sl 90,12). Nós ainda podemos ampliar isso: Senhor, ensina-nos a reconhecer nossos limites, então receberemos sabedoria para conduzir nossa vida. Quando nós reconhecemos e assumimos nossos limites, então nós teremos a sabedoria do coração. Esse autoconhecimento nos ajuda a afirmar a vida com todas as suas limitações.

Da compreensão de Deus como a fonte da vida surgem consequências para o nosso agir concreto. Para alcançar a compreensão global da vida é necessário contemplá-la a partir da perspectiva de Deus. Sem relação com a transcendência a vida humana se reduz à sua imanência e a seu arco de vida curto e biológico. A vida foi criada por Deus, formada por ele e conservada na sua bondosa providência, além dos limites do ser biológico. Toda a autonomia, especialidade e subjetividade da pessoa provêm dele. A criaturalidade da pessoa qualifica seu ser humano.

Assim a vida segundo a compreensão bíblica está centrada em Deus e na comunidade com ele. É a vida em Deus, com ele e para ele que se desenvolve e se realiza na vida com os outros. A vida acontece na presença viva de Deus no seu surgimento, no tornar-se vida individual e na sua conservação bem como na sua limitação pela morte e na esperança da comunidade viva com ele para além da morte. Essa é a totalidade da vida e a sua plenitude.

Essa vida em plenitude é uma promessa de Deus e o ser humano como destinado à morte é desafiado no seu arco de vida terrena a viver conforme a promessa de Deus. A base da correta condução da vida é o temor de Deus e a relação viva com ele, mesmo nas maiores catástrofes, nas mais sérias experiências de dor e nas piores quebras do ciclo vital, o ser humano pode buscar refúgio em Deus mesmo que a circunstância da vida negue sua presença e a relação humana com ele, e mesmo também quando Deus permite a desgraça o que pode parecer incompreensível a partir da nossa perspectiva (Jó 19,13-25).

Se nós quisermos compreender adequadamente o ser humano no mundo, então é irrenunciável tematizar a pecaminosidade universal da pessoa e a salvação em Jesus Cristo. É uma experiência básica e universal da humanidade que o mal existe no mundo e que todas as pessoas estão presas nas suas estruturas. O ser humano se experimenta como um ser ambivalente: à sua grandeza pertence também sua miséria como existência pecadora. A relação criatural que existe entre Deus e o ser humano como sua imagem pode ser enfraquecida pela pecaminosidade humana, mas jamais rompida totalmente. Nessa situação o ser humano pode aceitar em sua liberdade a relação com Deus ou negá-la. No momento em que ele a aceita ele faz a experiência da vida em plenitude.

### 3.2 Viver em vista da morte

A morte é uma inegável realidade da vida e o ser humano permanece um ser mortal<sup>7</sup>. A impossibilidade de fugir da morte faz surgir a questão pelo sentido da vida com toda a sua urgência. Em vista da morte, o ser humano se torna para ele mesmo uma questão como Agostinho nas suas Confissões formulou classicamente sob a dor da morte inesperada do seu jovem amigo: “Eu mesmo me tornei uma grande questão”<sup>8</sup>.

O ser humano se pergunta consciente ou inconscientemente: O que acontece quando eu morro? Qual é o sentido da morte? Há vida depois da morte? É evidente que cada ser humano após seu nascimento deverá um dia morrer. A morte pertence à vida e ao ser da pessoa que a une a todas as demais criaturas. Nós temos certeza existencial de que nós vamos morrer.

A morte é algo insuperavelmente definitivo e, por isso, também o caso sério por excelência para a pessoa. Nós conhecemos a morte dos outros, mas tentamos na medida do possível sufocar a própria morte. Nós fazemos de conta que ela não é verdadeira. O exclusivo conhecimento da morte dos outros carrega naturalmente a tentação em si de que nós poderíamos escapar do encontro real com a própria morte. Cada pessoa deve se confrontar – mesmo que seja sofrido – com a certeza da morte, com o desconhecimento da hora bem como com o definitivo da despedida para poder ter uma vida com sentido. É, no entanto, natural que nós temos medo da morte. O processo de morrer que termina na morte vem acompanhado de sofrimentos. Todas as dores, tristeza e lágrimas que estão ligadas à morte permanecem uma realidade da vida que

---

<sup>7</sup> Joseph RATZINGER, *Eschatologie – Tod und ewiges Leben*, Regensburg 1977. Josef PIEPER, *Tod und Unsterblichkeit*, publicado por Berthold Wald, Kevelaer 2012; Hans KUENK, *Ewiges Leben?* (Coleção de obras, v. 10), Freiburg i. Br. 2017.

<sup>8</sup> AGOSTINHO, *Confessionis IV*, 4, 9.

pertencem ao próprio viver. Nós não podemos fugir dela, mas o caminho libertador consiste no fato de aceitar a morte na fé e esperança.

Diante desse pano de fundo da mortalidade e da morte a fé cristã proclama a vida eterna como possibilidade real para todas as pessoas. Esta fé está baseada na ressurreição de Jesus Cristo. Com essa profissão, a fé cristã permanece de pé ou cai: *Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé* (1Cor 15,14). A ressurreição de Jesus Cristo é a base da esperança da ressurreição dos mortos e esta está inseparavelmente ligada à ressurreição de Jesus Cristo. *Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos primícias dos que adormeceram. Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos* (1Cor 15,20-21).

## 4 A esperança cristã na ressurreição dos mortos

### 4.1 Ressurreição de Jesus Cristo como fundamento da esperança

A ressurreição de Jesus Cristo é a garantia e a promessa da nossa própria ressurreição<sup>9</sup>. O poder salvador de Cristo, do Ressuscitado, dá aos mortos a vida eterna. Essa esperança pertence ao fundamento da fé cristã e negá-la é igual ao abandono da mensagem cristã<sup>10</sup>.

Há um nexu insolúvel entre a ressurreição de Cristo e nossa ressurreição futura<sup>11</sup>. A ressurreição de Cristo pertence ao âmbito da ressurreição geral de todos os mortos, tanto cronologicamente como também na ordem da dignidade e causalidade (cf. 1Cor 15,20-22; 2Cor 1,22; Cl 1,18; Rm 5,10; 6,8; 8,17.29). O processo da salvação que iniciou na ressurreição de Cristo continua na ressurreição dos mortos. *Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus. Deus há de levá-los em sua companhia* (1Ts 4,14). *Ele ressuscitou ao terceiro dia*, isto nós cremos de Cristo. Em vista disso, o crente pode dizer de si mesmo: *Eu aguardo a ressurreição dos mortos* ou com as palavras do supra citado Credo Apostólico, *eu aguardo a ressurreição da carne e a vida eterna*. A mensagem cristã da esperança se baseia assim na ressurreição de Jesus Cristo e na esperança consequente da própria ressurreição: Eu vivo e, por isso, vós também vivereis (cf. Jo 14,19).

A ressurreição oferece uma solução plausível ao enigma do ser humano. O significado antropológico da ressurreição de Jesus Cristo consiste no fato de que Jesus é um ser humano realmente nascido e morto. Um que viveu e sofreu como nós todos e que, então, abrigou e transportou essa realidade finita para a vida eterna. Assim a fé cristã com o anúncio da ressurreição proclama o direito de ter apresentado a solução totalmente satisfatória para o problema antropológico.

O centro da esperança permanece o Cristo elevado que atrai tudo para si (cf. Jo 12,32) para que Deus seja tudo em todos (cf. 1Cor 15,28). Se a pessoa espera a vida eterna, a ressurreição e o abrigo em Deus, então somente como uma esperança fundamentada em Deus como um dom. O poder de Deus de ressuscitar mortos corresponde a seu poder na criação de cada ser humano e de todo o mundo (cf. 2Mac 7). A ressurreição para uma vida nova não é um milagre totalmente novo, mas consequência da justiça criadora de Deus porque ele é a origem, conservação e totalização da vida.

<sup>9</sup> Cf. as múltiplas contribuições em: Cardeal Walter KASPER – George AUGUSTIN (Orgs.), *Hoffnung auf das ewige Leben. Kraft zum Handeln heute* (ThiD 15), Freiburg i. Br. 2015.

<sup>10</sup> AUGUSTIN, George *Gott eint – trennt Christus?* Paderborn 1993, p. 239.

<sup>11</sup> OBERLINER, Lorenz (Org.), *Auferstehung Jesu – Aufstehung der Christen*, Freiburg i. Br. 1986.

## 4.2 A identidade do Cristo morto e ressuscitado

A ressurreição de Cristo realiza uma realidade totalmente nova<sup>12</sup>. Há, no entanto, ao mesmo tempo, uma continuidade e descontinuidade. A ressurreição significa uma transformação radical de uma ordem de vida para a outra, o que as palavras ‘temporal e eterno’ podem explicitar satisfatoriamente. Sua limitação no espaço e tempo acabou com a morte e o radicalmente novo que surge dela o mantém ainda como um sujeito. Disto resulta que a ressurreição significa a realização da pessoa Jesus de Nazaré e da sua história de vida. A ressurreição significa, ao mesmo tempo, também uma nova criação com o corpo transformado num novo modo de existência que ultrapassa totalmente a nossa compreensão. Nem a compreensão espiritualista de uma continuidade de vida da alma nem a compreensão de uma ressuscitação do velho homem condizem com essa nova realidade. A fé cristã na ressurreição não imagina a nova vida do ressuscitado apenas com uma nova consciência ou como estado de ressurreição espiritual e iluminação, mas, ao mesmo tempo, como transformação do seu ser corporal, somático<sup>13</sup>. A morte determina a passagem do terreno para o celeste. Morte e ressurreição pertencem assim à compreensão total do ser humano e à sua determinação porque a finalidade dele é a comunhão eterna com Deus.

Como a fé cristã também crê na identidade do Senhor histórico e ressuscitado, ela igualmente a espera para seus falecidos. A fé cristã vê em Jesus Cristo o acontecimento exitoso que é a autocomunicação de Deus e o Salvador por excelência. Em razão da unicidade e irrepetibilidade da ação salvífica de Jesus Cristo, nós estamos convencidos de que a vida e a morte do ser humano são únicas e irrepetíveis no mundo (cf. Heb 9,27)<sup>14</sup>.

Conforme a compreensão cristã, Deus prometeu ao ser humano uma identidade única e permanente que ultrapassa a morte. Como se sabe, ele cria originais e não réplicas. Nos atos de nascer e morrer manifesta-se a unicidade da vida. Pelo destaque à unicidade da pessoa a existência humana recebe seu valor próprio e sua seriedade. Segundo a compreensão cristã estão juntas a criação, a conservação do mundo e sua totalização. A ressurreição é um novo ato criador de Deus e possibilita um reinício radical, mas de forma nenhuma às custas ou até da anulação da identidade da pessoa..

## 4.3 A ressurreição dos mortos

---

<sup>12</sup> AUGUSTIN, *Gott eint – trennt Christus?* (veja a nota 9), 234-315.

<sup>13</sup> HOPING, Helmut. *Jesus aus Galilaea – Messias und Sohn Gottes*, Freiburg i. Br. 2020, 141-144.

<sup>14</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO SEGUNDO, *Lumen Gentium*, 48.

A ressurreição de Jesus Cristo é uma promessa para todas as pessoas. O ser humano recebe da força de Deus uma vida nova e completa. O que o ser humano por força própria não consegue realizar, isto lhe será dado pela graça de Deus realizada em Cristo. O que o ser humano por causa do seu fechamento e da sua autofixação não alcança ou até destruiu pode ser salvo por Deus e conservado por ele. Ressurreição significa realização doada por Deus à história da vida humana. Todo o ser humano está com Deus. Nada do humano se perderá ou será excluído da totalização<sup>15</sup>.

A esperança cristã não é em primeiro lugar libertação da alma do corpo, mas a vivificação do corpo: quem ressuscitou Cristo Jesus dos mortos também vivificará vosso corpo mortal (cf. Rm 8,11). O diferencial cristão não é a libertação de um corpo mortal, mas a libertação da mortalidade do corpo. A fé cristã na ressurreição professa a identidade intransferível e pessoal que o ser humano conquistou ao longo da sua vida por seu corpo e nele. Por isso, nós podemos professar: *“Vita mutatur, non tollitur”* – “A vida será transformada e não tirada”<sup>16</sup>.

A esperança escatológica da fé cristã não se dirige apenas à plenificação futura, mas ela é, ao mesmo tempo, uma força que forma e determina o presente. Quem crê já possui a vida eterna; *ele passou da morte para a vida* (cf. Jo 5,24). A promessa da vida futura na plenificação determina a realidade presente e dá com isso a certeza em meio a esse mundo. Na força da esperança a realidade presente será aceita e salva também com seus elementos negativos. Liberdade, justiça e vida são uma forma definitiva prometida por Deus. Elas serão antecipadas e realizadas passo a passo aqui e hoje pelos que esperam.

#### 4.4 A resposta cristã às questões referentes à culpa, dor e futuro

A fé cristã vive da convicção de que não só o ser humano, mas toda a criação foi salva, de uma vez por todas, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo. Com isso, Deus realizou o decisivo para o ser humano e a criação. O que, no entanto, apenas será desenvolvido definitivamente no futuro quando Cristo, o Elevado, virá. Agora a criação geme e sofre as dores de parto (Rm 8,22); em vista disso, os crentes vivem na tensão entre o “já agora” e o “ainda não”<sup>17</sup>. Por isso, também nós temos uma esperança indestrutível num futuro absolutamente bom. Essa esperança ultrapassa os limites do ser humano para além da morte.

---

<sup>15</sup> Cf. Leo SCHEFFCZYK / Anton ZIEGENAUS, *Dogmática Católica*, v. VIII: Die Zukunft der Schoepfung in Gott, Aachen 1996.65-134.

<sup>16</sup> Prefácio da missa dos defuntos I.

<sup>17</sup> AUGUSTIN, *Gott eint – trennt Christus?* (veja a nota 9, 117ss).

A partir das explicitações da fé em Jesus Cristo nós conseguimos obter uma resposta razoável às questões relativas à culpa, dor e morte. A pressão da autojustificação, do melhoramento próprio e da superação própria foi rompida, uma vez por todas, pela ação salvífica de Jesus Cristo. Nós podemos assumir nossa culpa e nos deixar perdoar. Nós também estamos dispostos a perdoar aos outros que se tornaram culpados agindo contra nós. Reconciliação e reinício já são possíveis na vida de agora. Porém, apenas quando o ser humano assume sua criaturalidade e sua dependência de Deus.

Jesus Cristo libertou pessoas do sofrimento através da ação libertadora da verdade e do amor. Ele pode também assumir na confiança absoluta em Deus os limites e, como isso, também os sofrimentos que estão ligados ao ser humano. Ele ultrapassou todos os limites ao assumi-los e suportá-los. No sofrer e suportar os mais profundos limites do ser humano e na aceitação da morte ele deu o passo decisivo para assim chegar à pátria definitiva com Deus. A fé cristã está convicta de que a pessoa pode segui-lo através da dor e da morte de Jesus numa vida permanente com Deus. Assim a pessoa pode com Cristo romper e vencer definitivamente, uma vez por todas, o círculo da dor. Assim surge a força salvífica e conservadora da vida na ultrapassagem da contingência do ser humano no mundo.

A mensagem bíblica da esperança explicita o que pode surgir com a graça de Deus e como, enfim, salvação e superação se tornam possíveis. Desse modo a esperança cristã se compromete a diminuir segundo as suas forças a dor. E mesmo onde a dor não pode ser acalmada que os sofredores não fiquem sozinhos, mas que haja solidariedade. Aqui se trata do seguimento de Jesus identificando-se com sua autodoação e vivendo-a.

Se nós, portanto, esperamos no fim da nossa vida terrena a ressurreição e a vida eterna ou se nós limitamos a nossa esperança ao imanente, isto tem importância decisiva para a vida concreta no aqui e agora. A esperança na ressurreição motiva para uma vida plena do Espírito como antegozo da plenificação eterna com Deus. Portanto, do ponto de vista cristão não há nenhum motivo para desespero e resignação fatalista.

## **5 A esperança na vida eterna como animação para a vida**

Que o ser humano é um ser de esperança é indiscutível. A capacidade de confiar e de ultrapassar os limites próprios da existência pertencem ao ser humano como tal e à sua abertura para o mundo. Confiar é originalmente humano e não há pessoa que possa viver sem esperança. Este é o lado contrário da sua contingência, finitude, limitação e mortalidade. O foco cristão na vida eterna não relativiza a vida terrena, mas a prepara para assumir totalmente a

vida mortal e configurá-la na força de Deus. Quem confia radicalmente não espera um além vazio, mas a misericórdia de Deus e a vida em comunhão com ele. A esperança cristã está essencialmente fundamentada na promessa e na sua realização. Assim a promessa de vida eterna após a morte tem uma força libertadora e, ao mesmo tempo, determinante para a superação da vida antes da morte porque o crente vive na antecipação da promessa.

O apóstolo São Paulo testemunha que o sofrimento suportado, a tristeza com consolo e até a morte podem ser portadores de salvação e vitória pela graça de Deus: *Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós. Somos atribulados por todos os lados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não vencidos pelos impasses; perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. Incessantemente e por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo. Com efeito, nós embora vivamos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus seja manifestada em nossa carne mortal. Assim a morte trabalha em nós; a vida, porém, em vós* (2Cor 4,7-11). Tal tipo de vida só pode ser suportado na força daquele que venceu a morte: *Em tudo isto somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou* (Rm 8,37).

A fé na vida após a morte nos dá a força para considerar a vida antes da morte na perspectiva divina e vivê-la exitosa por sua força. O cristão entende seu caminho de vida terrena como uma peregrinação para a glória celeste. Esse caminho não é uma via de resignação e frustração, mas uma via dinâmica com o olhar fixo para céu. A afirmação crente na promessa da vida eterna é o fundamento básico que nos torna internamente livres e nos ajuda a vencer nosso medo existencial que, sempre de novo, nos paralisa. A vida eterna em Cristo é a nossa fonte de força. A consciência crente de que essa promessa já age em nós através da participação presenteada da vida de Deus aviva em nós uma força interna para a condução da vida com sentido. A confiança eficiente em nós nos motiva sempre de novo para vencer apaixonadamente a vida com uma serenidade interna, apesar de todos os desafios, experiências de dor, preocupações e medos que sempre de novo nos fazem sofrer.

Essa mensagem de fé é uma animação verdadeira para não considerar o presente como um “destino”, mas convencidos pela esperança cristã na ressurreição afirmar e levar a sério o “agora” e o “hoje” da vida, contribuir na formação do mundo de hoje como criação de Deus, defender a singularidade e dignidade de cada pessoa, diminuir na medida do possível o sofrimento e procurar derrotar já hoje a injustiça.

A fé na vida eterna não resolve todos os problemas da vida, mas nos dá uma nova perspectiva: ver a vida à luz de Deus e vivê-la com mais consciência e

intensidade. Na sua luz reconheceremos a verdade sobre nós mesmos. Uma vida tal na consciência e verdade exige naturalmente esforço e paciência. Viver na verdade e praticá-la significa: realizar em si honestidade interna e expor ao Deus da vida a si mesmo e suas ações. Esta é uma vida na presença de Deus que caminha conosco. Essa mensagem consoladora nos dá força nova diante da morte nas situações de desespero para a avaliação realista da vida. O ser humano é um ser frágil. Para o crente a vida, quer antes da morte quer depois dela está finalmente ancorada na presença de Deus. Se nós aceitarmos essa certeza da fé e nos confiarmos nas mãos de Deus, isto nos dará uma força de fé para também vencer as situações difíceis da vida.

Essa certeza, no entanto, é dom de Deus, o qual nós não só pedimos na situação da pandemia, mas no qual nós podemos confiar. Porque para os crentes está preparada uma morada na glória celeste onde eles estarão com Cristo (cf. Jo 14,2-3). Essa plenificação escatológica nunca pode ser adequadamente descrita: *Nós anunciamos o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, tudo que Deus preparou para os que o amam* (1Cor 2,9). Em vista disso, não se trata de compreender a vida eterna, mas antes da comunhão vivida na fé e no espírito daquele que é, ele mesmo, a vida eterna: *Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá* (Jo 11,25-26).

Jesus mesmo é o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14,6). Nele se cumpre toda a aspiração humana e esperança. *Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo* (Jo 17,3). Na vida cristã o que importa acima de tudo é tornar-se rico em esperança: *Que o Deus da esperança vos cumule de toda a alegria e paz em vossa fé, a fim de que pela ação do Espírito Santo a vossa esperança transborde* (Rm 15,13).

Eu agradeço pela vossa atenção e lhes desejo a bênção de Deus nesse tempo sombrio!

Tradutor: Pedro Kramer  
[kramer\\_pedro@yahoo.com](mailto:kramer_pedro@yahoo.com)

George Augustin é sacerdote indiano da Sociedade Vicente Pallotti (padres e irmãos palotinos). Foi ordenado sacerdote em 1981. Possui doutorado em Teologia pela Universidade de Tubinga (Alemanha) e em 2004 foi nomeado professor de Teologia Fundamental e Dogmática. Em 2005 fundou o Instituto Walter Kasper para a Teologia, o Ecumenismo e a Espiritualidade. Foi nomeado pelo Papa Francisco membro do Conselho Internacional para a Catequese.